

O DIVÃ NO BANCO DA PRAÇA: ESCUTA PSICANALÍTICA NO PROJETO DE EXTENSÃO PSICOLOGIA NAS RUAS

**ALTIERE DUARTE PONCIANO LIMA¹
LUCAS DOURADO LEÃO²**

CATEGORIA: Pôsteres

1. INTRODUÇÃO

Com o tempo e a estruturação da civilização atual, o sujeito organiza-se frente ao seu desejo ou a falta dele de forma a demandar urgentemente uma resposta as suas questões. O sofrimento é inevitável e observa-se cada vez mais a dificuldade de sustentar aquilo que se é, do jeito que se é. Nessa era de comidas rápidas, comunicações rápidas, pílulas e fórmulas “mágicas” para a felicidade, torna-se pertinente questionar: é possível a entrada da Psicanálise na urgência daquele que demanda?

Freud (1930) nos oferta algumas orientações sobre a compreensão desse mal-estar que demanda:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com outros homens (p. 85).

O que Freud nos chama atenção é para como o princípio da realidade vem em auxílio ao princípio do prazer para lidar com essas adversidades, moderando a insatisfação e ao mesmo tempo a satisfação para alcançar uma ação possível. Todavia, trata-se de um ciclo inquietante e incessante, pois essa ação nunca é completamente satisfatória.

Essas questões podem ser discutidas no âmbito do Projeto de Extensão Psicologia nas Ruas, o qual tem como objetivo informar a população geral sobre temas que promovam saúde mental num lugar que a academia resiste em alcançar – a rua. Atuando com as temáticas de Vulnerabilidade Social, Saúde Mental e Violências, é fornecido para a população em uma praça, rua ou em instituições parceiras que não tenham o viés clínico, ampliando o conceito de rua para todo ambiente que esteja porta a fora do consultório a possibilidade de escutar o mal-estar a partir de diversas técnicas como rodas de conversas, dinâmicas, jogos lúdicos, contação de histórias e escuta

psicológica em formato de plantão. Neste momento, pensaremos na escuta psicológica – de base psicanalítica - em um *setting* diferente do clássico, daqueles com divã ou dentro das universidades. Aqui o banco da praça serve de lugar para as mais diferenciadas demandas do sujeito do inconsciente. Em certa situação, por exemplo, um dos integrantes do projeto realiza a escuta de um sujeito enquanto este trabalhava cortando coco para vender.

Trata-se desse ofício da Psicanálise em torno de um trabalho clínico-social que se fala aqui, atravessado pela escuta com a população em geral, em especial a marginalizada, que está fora do acesso ao *setting* tradicional de consultório com meia luz e divã. Propõe-se então, pensar nesse lugar como um dispositivo (e não o espaço físico) para adentrar o sujeito do inconsciente e suas repetições e dinâmicas para, mesmo que num breve contato, se possa trazer uma implicação ao sujeito do desejo.

Assim, a partir do relato como coordenadores do projeto, objetiva-se pensar sobre uma nova proposta de escuta analítica repensando o lugar do analista em um âmbito social para as “minorias” e trazendo-as à tona e fazendo-as (re)existir. Parte-se dos fundamentos psicanalíticos para se reeditar o tratamento pela fala, sustentado nos pilares da transferência e da escuta do inconsciente.

2. O DIVÃ NO BANCO DA PRAÇA E A ESCUTA PSICANALÍTICA

O projeto em um dos seus momentos, se reúne em praça pública e se disponibiliza ali com diversas atividades para a comunidade. Assim, não é raro alguém procurar um dos integrantes para atendimento psicológico de algo que é urgente. Segundo Calazans e Bastos (2008):

Quando falamos que algo é urgente, isso significa que não podemos deixar para amanhã. No caso das questões levantadas por Lacan, são questões que não se pode adiar e para as quais não se tem uma resposta determinada para dar. É em torno dessa resposta que um dispositivo deve se ater.

Assim, quando um transeunte ou morador de rua, demanda algo de um analista que está ali na praça, é importante lembrar Lacan (1958 apud CALAZANS, 2008) o psicanalista não pode ceder em relação a sua ética – na época chamou de política – que determina os fins de sua prática. Assim, ao escutarmos na praça aquela demanda, o dispositivo que surge da recepção inicial é de “re-introduzir a dimensão subjetiva, é situar escansões que comportam um resultado parcial que modifica o problema” (SELDES, 2007 apud CALAZANS, 2008).

Ao criarmos uma oferta, o sujeito demanda. A escuta do sujeito não é direcionada ao consciente, no sentido de guia moral para produzir soluções, respostas, como a religião, o *coaching* e outras abordagens da modernidade atual. A direção do tratamento, nesta escuta inicial (preliminar, até) consiste em fazer valer e emergir o sujeito da regra analítica. Para Lacan (1958), em *A direção do tratamento*, as diretrizes da “situação analítica” não devem ser desconhecidas pelo sujeito, mas este as aplicaria melhor sem pensar nelas. Na comunicação inicial, por menos que o analista comente, pode se observar até nos diferentes tons do seu enunciado, a doutrina pela qual o analista se constituiu. Sendo que aquilo que o sujeito carrega opera na profusão de preconceitos que a cultura traz sobre o procedimento e a finalidade da empreitada analítica. Não se pode operar sem uma comunicação dúbia, o que nos obriga a permanecer no lugar de esclarecê-lo pelo que o segue. No Projeto, fazemos essa escuta inicial possibilitando ao sujeito voltar-se a si e não ficar fora do seu próprio jogo – não se responde a demanda do sujeito, na atribuição do saber ao Outro. Aqui, ao escutar preliminarmente a demanda, é possível fazer orientações, no sentido de apoiar ou esclarecer possibilidades que o sujeito, a partir de seu desejo pode buscar como resolutivas para seu mal-estar. “O ser é o ser, seja quem for que o invoque, e temos o direito de perguntar o que ele vem fazer aqui” (p. 593). O direcionamento se torna uma intersecção entre o que o sujeito julga como insuportável com a formulação de uma questão. É a partir daí o surgimento de um sintoma analítico, que permite a entrada no discurso analítico. A continuidade dessa escuta pode ser realizada a partir dos dispositivos tradicionais ofertados que boa parte da população desconhece, isso fortalece toda uma rede de assistência que está disposta a atender as demandas do sujeito.

Assim, isso nos permite pensar na criação de um espaço onde possa vir se abrir ao sujeito do inconsciente para a injunção ética onde pode ou não custear o seu desejo. “O que se mantém em todos os dispositivos é a busca do espaço vazio que se abre ao sujeito de desejo através do inconsciente e da transferência”. (BROIDE, 2015, p. 41).

3. CONCLUSÃO

Pensar no divã em outro espaço e o analista n’outro lugar é reposicionar os lugares discursivos, descentrando o analista da cena clássica, tornando o sujeito em situação de sua protagonista de sua própria história.

O lugar do Psicanalista, ao fazer de um banco da praça um divã, um papel político – não partidário, mas cidadão – proporciona uma reflexão centrada numa atuação possível comprometida com a ética do desejo e a subversão aos sistemas totalitários que excluem boa parte da população que não tem acesso a uma escuta psicanalítica.

Fechar as portas do consultório para uma demanda prioritariamente do sujeito é anular as questões do inconsciente que surgem na rua, nos espaços urbanos e que constituem todos os dias a formulação da realidade psíquica numa troca incessante entre mundo interno e realidade externa. É preciso ir, criar uma demanda e transformá-la em uma situação analítica para fazer as minorias resistirem aos sofrimentos e a reexistirem frente ao discurso analítico e social. Os dispositivos analíticos surgem a partir do momento em que o analista se faz existir para além das portas do consultório.

REFERENCIAS

BROIDE, J; BROIDE, E. **A psicanálise em situações sociais críticas**: metodologia clínica e intervenções. Escuta, São Paulo, 2015.

CALAZANS, R; BASTOS, A. Urgência subjetiva e clínica psicanalítica. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 640-652, 2008.

FREUD, S. (1930). **O mal-estar na civilização**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 591-652, 1998.